



BOLETIM DE COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA AGOSTO 2025

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Agosto 2025, 3

Importações, 6

Apêndice A – Agosto 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Agosto 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Kailan Matos Pereira (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Editoração

Alderlan Oliveira

No mês em que a sobretaxa dos EUA de 50% entrou em vigor, dados preliminares sobre as exportações baianas indicam uma redução de 35,6% em agosto, motivada, mais uma vez, e majoritariamente, pelo recuo do volume embarcado de 34,1% e uma desvalorização nos preços médios de 2,3% nos produtos exportados pelo estado, todos comparados com igual mês de 2024.

O resultado, impulsionado pela retração dos volumes embarcados, aconteceu, sobretudo, na indústria de transformação em, volume (-63,6%) e em valor (-66,3%); e na indústria extrativa que, embora tenha apresentado recuo (-33,7%) no quantum exportado, teve seus produtos valorizados em 16,3%, fruto do aumento das cotações do ouro no mercado internacional, na média em 36,0%, como consequência da crise de confiança no dólar. A redução nos embarques também atingiu a agropecuária, embora em menor escala. O setor teve queda de 7,5% no volume e de 15,4% nos valores.

Com a redução de embarques atuando como principal motivador para queda das receitas de exportação em agosto, o setor líder da pauta, o de soja e derivados, teve recuo de 12,0%; o de derivados de petróleo de -95,7%; o de papel e celulose de -28,7%; e o químico de -17,4%, dentre os mais importantes.

A Bahia vendeu, em agosto, US\$ 64,1 milhões para os Estados Unidos, ante US\$ 72,5 milhões no mesmo mês de 2024, com queda de 11,6%. O volume embarcado, entretanto, cresceu 16,5% no mês, ante agosto do ano passado. No acumulado do ano, as exportações para o país tiveram redução de 2,7%, enquanto que as importações também caíram 5,6%.

Houve sinais contraditórios no comportamento das vendas ao país americano no mês passado. O tarifaço pode ter influenciado a antecipação de embarques nas exportações de alguns produtos aos EUA, como celulose (126,6%); produtos químicos/petroquímicos (33%); pneumáticos (39,7%); frutas e suas preparações (90,8%); café e especiarias (177,6%); sisal e derivados (35,4%); mel natural (36,0%), dentre outros. Isso é evidenciado pelo crescimento do volume de embarques em 16,5% e pelo aumento da participação mensal das vendas do estado para o mercado norte-americano, de 6,0% em agosto de 2024 para 8,5% em agosto de 2025.

Esse aumento do quantum para o país, entretanto, não se reverteu em aumento de receitas, já que os preços

médios dos produtos vendidos aos EUA caíram 24,1%, bastante influenciado pelo peso das vendas de celulose, cujos preços médios recuaram 33,7%, e do setor de frutas e suas preparações, com queda de 28,7% em seus preços. Os dois segmentos participaram com 62,0% das vendas a esse país no último mês.

Alguns produtos, por sua vez, registraram queda no volume das exportações para os EUA em agosto, diante das tarifas adicionais. Entre eles, cacau e derivados (-66,5%); petróleo e derivados (-80,6%); calçados (-44,0%); máquinas e aparelhos mecânicos (81,6%); e produtos metalúrgicos (-96,0%). Não é possível mensurar se houve desvio de produtos tarifados a outros mercados.

A tarifa de 50% entrou em vigor em 06, de agostomas com lista de exceção que corresponde a 40% da pauta baiana para o país (celulose, derivados de petróleo e sisal) e para produtos em geral em trânsito para o país até aquela data.

Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-ago. 2024/Jan.-ago. 2025
(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %
Exportações	7.620.622	7.249.403	-4,87
Importações	7.296.535	6.405.698	-12,21
Saldo	324.087	843.705	160,33
Corrente de comércio	14.917.157	13.655.100	-8,46

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 4 set. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

O retorno de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos é a prova final de que o mundo já mudou e que investidores e empresas de todos os continentes precisam se acostumar a uma nova dinâmica na qual a maior economia global está mais voltada para si, e não para a globalização.

Donos de uma fatia de 13% do comércio mundial, os Estados Unidos, comandados por Donald Trump, submeteram os 87% restantes a um “bullying” tarifário. Diante disso, reconstruir a Organização Mundial do Comércio (OMC) passou a ser uma pauta óbvia, como propõe o governo brasileiro.

Diante dessas mudanças que estão acontecendo na ordem econômica mundial, a saída é, sim, apostar e atuar no sentido de restaurar o sistema multilateral,

porque não há como ficar submetidos a medidas unilaterais da potência hegemônica.

Entretanto, o relançamento da OMC é uma agenda de longo prazo. Não seria um projeto para responder às atuais medidas do governo de Donald Trump, mas ao processo de dismantelamento das regras do comércio global que vem desde a primeira passagem do republicano pela Casa Branca. É uma agenda da qual os países, sobretudo os em desenvolvimento, não devem abdicar.

Num horizonte mais curto, o Brasil precisa ampliar sua rede de acordos comerciais. O Ministério da Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) entende que a política comercial comum fortalece o Mercosul e amplia a capacidade de inserção internacional do Brasil. Prova disso é o fechamento do acordo com Cingapura em 2023, a finalização com a União Europeia em 2024, com o Efta em 2025 e possível fechamento com Emirados Árabes Unidos até o fim deste ano.

A negociação em bloco é um fator de fortalecimento e coesão do Mercosul, defendida pelo Brasil inclusive em diálogos com os demais parceiros do bloco, acrescentou o Ministério das Relações Exteriores. A pasta informa que, diante da conjuntura, os países ampliaram a lista de exceções à Tarifa Externa Comum (TEC).

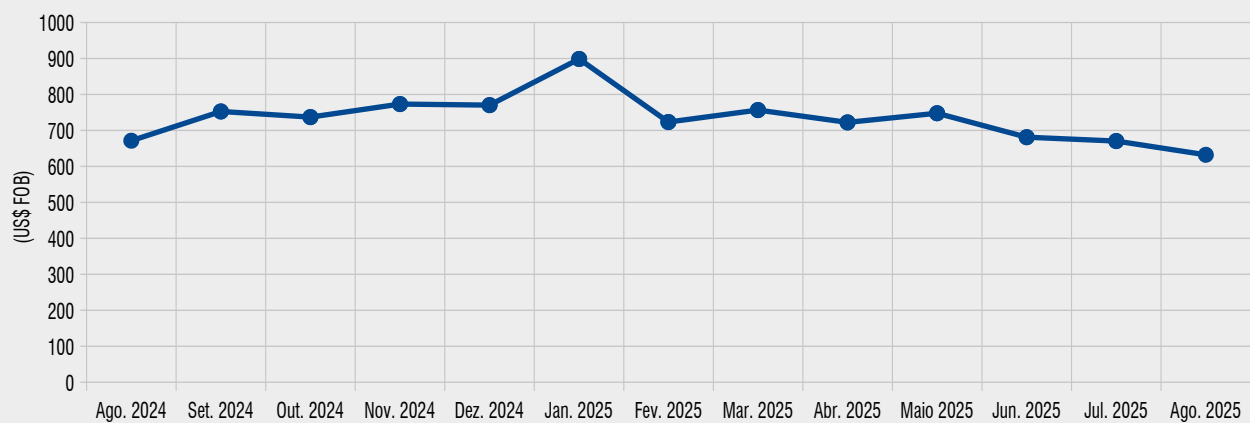
Para compensar danos às empresas que exportam para os EUA e que foram atingidas pelo tarifaço, o governo lançou o plano Brasil Soberano, pacote de contingência do governo federal para ajudar empresas

a mitigar os prejuízos. Além de crédito extraordinário de R\$ 30 bilhões para o Fundo de Garantia à Exportação (FGE), que serão usados como instrumento de *funding* e operados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o plano prevê ainda a prorrogação da suspensão de tributos para empresas exportadoras; aumento do percentual de restituição de tributos federais, via Reintegra; e facilitação da compra de gêneros alimentícios por órgãos públicos.

Esse pacote não traz risco fiscal relevante e não muda as projeções para a economia brasileira. A previsão de crescimento para o Brasil, em 2025, antes do anúncio das tarifas de Trump, era de 2,2%, e depois das tarifas continua sendo 2,2%. Diferentemente de outros países, como o México, por exemplo, o Brasil tem uma estrutura econômica em que as tarifas não são uma preocupação macroeconômica. É um país relativamente fechado e que não depende tanto do que exporta para os Estados Unidos.

As engrenagens estão em movimento para estabelecer uma nova ordem no comércio mundial. Agora os países terão que repensar como fazer políticas econômicas e industriais, isso com os Estados Unidos diferente do que víamos antes. Estamos em uma nova era que tem que reconhecer isso e ainda não está claro como serão definidas as políticas para este momento. O que dá para dizer é que os países vão ter que ser criativos diante de tantos desafios que existem agora, pois além da geopolítica, a questão também envolve tecnologia, inteligência artificial, desglobalização e as mudanças climáticas que já são uma realidade.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Ago. 2024-Ago. 2025



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 5 set. 2025.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado, em agosto, oscilaram negativamente em relação a julho em 5,7%, ficando também abaixo dos preços médios do mesmo mês de 2024, com recuo de 5,8%.

A evolução de preços de *commodities*, que tem mostrado tendência de queda, continua sendo um dos riscos para o desempenho das exportações estaduais esperado em 2025. Até agosto, comparado ao mesmo período do

ano passado, os preços médios recuaram também em 5,8%, enquanto que o volume embarcado caiu 0,97%.

No acumulado de janeiro a agosto de 2025, comparando com igual período do ano anterior, o desempenho dos setores foi o seguinte: crescimento de US\$ 26,1 milhões (1,13%) em *Agropecuária* e queda de US\$ 364,3 milhões (-7,5%) em produtos da *Indústria de transformação*, e de US\$ 32,5 milhões (-7,6%) na *Indústria extrativa*.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-ago. 2024/Jan.-ago. 2025

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2024	2025		2024	2025			
Soja e Derivados	4.225.496	4.335.355	2,60	1.865.608	1.681.088	-9,89	23,19	-12,17
Petróleo e Derivados	2.777.311	2.446.325	-11,92	1.638.576	1.243.844	-24,09	17,16	-13,82
Papel e Celulose	2.040.510	2.091.678	2,51	998.233	906.658	-9,17	12,51	-11,40
Metais Preciosos	485	388	-20,16	473.167	640.021	35,26	8,83	69,42
Algodão e Seus Subprodutos	263.134	293.401	11,50	488.151	468.204	-4,09	6,46	-13,98
Químicos e Petroquímicos	428.534	356.150	-16,89	589.225	455.795	-22,65	6,29	-6,92
Café e Especiarias	56.253	59.789	6,29	188.667	358.908	90,23	4,95	78,98
Minerais	375.191	559.724	49,18	427.674	395.179	-7,60	5,45	-38,06
Cacau e Derivados	29.810	32.840	10,17	270.782	389.841	43,97	5,38	30,68
Metalúrgicos	100.028	113.690	13,66	151.653	146.144	-3,63	2,02	-15,21
Frutas e Suas Preparações	79.514	105.143	32,23	118.225	123.264	4,26	1,70	-21,15
Borracha e Suas Obras	21.379	21.294	-0,40	118.036	119.817	1,51	1,65	1,91
Sisal e Derivados	38.120	43.991	15,40	47.336	58.586	23,77	0,81	7,25
Calçados e Suas Partes	1.528	1.711	11,95	58.238	54.208	-6,92	0,75	-16,86
Couros e Peles	13.434	21.544	60,37	35.895	33.147	-7,66	0,46	-42,42
Carnes e Miudezas Comestíveis	6.102	6.395	4,80	21.125	25.698	21,65	0,35	16,08
Fumo e Derivados	867	679	-21,65	21.816	20.109	-7,83	0,28	17,64
Milho e Derivados	24.890	92.833	272,98	5.553	19.853	257,55	0,27	-4,14
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	3.074	1.230	-59,97	33.973	18.286	-46,17	0,25	34,48
Demais Segmentos	75.348	79.151	5,05	68.633	90.740	32,21	1,25	25,86
Total	10.561.012	10.663.313	0,97	7.620.622	7.249.403	-4,87	100,00	-5,78

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 4 set. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

As exportações baianas para a China, principal destino dos produtos baianos, caíram 10,8% até agosto, em relação ao mesmo mês de 2024, embora o volume embarcado tenha crescido 1,7%. Para os EUA, as vendas também caíram 2,7%, enquanto os embarques cresceram 13,5%, muito por conta de antecipação de embarques por conta do tarifaço. O país, entretanto,

caiu para quarto maior mercado para as exportações baianas, caindo uma posição em relação a 2024 e ostentada até o primeiro trimestre de 2025.

Na mesma base de comparação, as vendas para o Mercosul subiram 6,3%, e 30% para o restante da América do Sul e Caribe.

As importações alcançaram US\$ 1,12 bilhão em agosto (recorde em 2025), com aumento de 48,4% no comparativo interanual.

Apesar do crescimento mensal, as compras do mês trazem indícios de que os juros altos podem já ser sentidos pelos bens intermediários (insumos e matérias-primas destinadas à indústria), com queda de 16,8% no valor desembolsado com as compras externas nessa categoria. O dado vem na esteira de indicadores que mostram queda na produção industrial de 1,2% no segundo trimestre do ano, com desaceleração em 12 meses, reflexo do impacto mais tardio da política monetária.

O que alavancou as importações em agosto foram as compras de combustíveis, com aumento de 150%, depois de meses sucessivos de queda, e de bens de capital que continua em crescimento (68,1% em agosto e de 75,5% no acumulado do ano). O dinamismo pode estar relacionado a uma maior demanda local por investimentos em equipamentos de infraestrutura e industriais de longo prazo.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-ago. 2024/Jan.-ago. 2025
(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	3.692.343	3.795.356	2,79	59,25
Combustíveis e lubrificantes	3.192.354	1.923.219	-39,76	30,02
Bens de capital (BK)	307.818	540.354	75,54	8,44
Bens de consumo (BC)	103.107	142.414	38,12	2,22
Bens não especificados anteriormente	911	4.354	377,80	0,07
Total	7.296.535	6.405.698	-12,21	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 4 set. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Com os resultados apurados em agosto, a Bahia exportou no acumulado do ano US\$ 7,25 bilhões, queda de 4,9% ante o mesmo período do ano anterior. As importações somaram US\$ 6,40 bilhões, também com recuo de 12,2% no período. O saldo comercial da Bahia, até agosto, chegou a US\$ 843,7 milhões, aumento de 160,3% em relação a igual período do ano passado. A corrente de comércio, soma de exportações e importações, alcançou US\$ 13,65 bilhões, com uma retração de 8,5%.

